

Branquitude e suas interfaces: recusar e constranger privilégios, brancos

(Org.)

Prof. Dr. ALEXANDRE FERNANDES (IFBA)

Profa. Dra. ANA HELENA ITHAMAR PASSOS (USP / Diversitas)

Prof. Dr. RICHARD SANTOS (UFSB)

O conjunto de textos que ora chega ao leitor da Revista Espaço Acadêmico (REA), ao pautar a branquitude e suas interfaces, discute e reconhece os padrões destrutivos do racismo estrutural. Denuncia a fobia que alimenta a projeção do branco sobre o negro, tanto quanto problematiza discursos de inferiorização racial, com vistas a rasurar pactos narcísicos moldados e mantidos por toda uma gama de instituições, discursos e práticas – jurídicas, midiáticas, científicas –, que sedimentam um projeto de nação violento, desigual, autoritário e antidemocrático.

Ao abordar a herança branca da escravização e o lugar da branquitude como depositária de um sistema histórico que insiste em inviabilizar a ascensão de negros na sociedade, os 14 textos aqui presentes, convidam o leitor a se desprender de ficções naturalizadas pela matriz colonial de poder.

Em conjunto com estudos da área, concorre para se configurar como material fundamental para o letramento racial crítico, haja vista que, por um lado, vai na contramão dos estereótipos, signos e códigos manipulados para a subalternização de grupos minorizados; por outro, é estímulo a aprender a

desaprender, reaprendendo de outro modo, a saber, decolonizando o corpo e a episteme, questionando a mídia, a Academia, a meritocracia e o privilégio branco (simbólico e material).

Se por um lado, o letramento crítico implica em reflexões em torno de conceitos e correlações fundamentais, quais sejam, branquitude e psicanálise; inconsciente, construção identitária da branquitude e formação de subjetividades (anti)racistas; ideologia do branqueamento, estruturas de poder/saber e colonialidade, por outro lado, nos convoca à uma prática insurgente a contestar instituições – universidade, escola, família, propriedade privada –, as quais fundamentam a supremacia branca, constituem corpos, imaginários e mentalidades racistas, capazes de considerar como dentro da “normalidade” a gritante desigualdade brasileira.

Intitulado “Branquitude e suas interfaces”, o presente dossiê está atento à atemporalidade do racismo cotidiano, por isso, não se silencia diante de pilhagens e genocídios epistêmicos, de violências das mais diversas e corriqueiras, como policiais e suas práticas de guerra, tortura e balas

supostamente perdidas, paradoxalmente, atirando bem na cabecinha, sabe-se de quem.

Respaldando-nos em uma das características fundamentais dos estudos críticos da branquitude, qual seja, a quebra da narrativa hegemônico-colonial-branco-patriarcal-judaico-cristã, o presente dossiê contribui para atualizar a discussão sobre o tema dos estudos críticos da branquitude. Os estudos aqui dispostos resultam de pesquisas teóricas e/ou empíricas, são frutos de metodologias interdisciplinares, e tem como foco distintas temáticas, na contramão da sanha capitalista e racista que modela subjetividades com fantasias, fobias e padrões assentados em ficções coloniais.

Em harmonia com escritos críticos e pesquisas fundamentais de intelectuais negros e negras ao que chamamos de branquitude, cujas pesquisas e escritos tiveram lugar ao longo do século XX no Brasil, nas Américas e Caribe, o que se oferta nesse dossiê é de alta monta. Contra o silêncio, a omissão e a pequenez cognitiva, contra a falta de empatia e a favor do exercício da alteridade, os escritos dispostos no presente número da REA, tem a ver com uma agência teórico-prática, decolonial, negro-diaspórica e, portanto, subversiva e insurgente.

Trata-se de material atento contra formas de conhecer estereotipadas, que não se coaduna com a sujeição de

nenhum grupo, que ousa sonhar outro mundo possível, aqui e agora. Para tanto, busca compreender identidades étnico-raciais brancas, agregando ideias e percepções acerca do emergente combate à branquitude no mundo; tensiona a branquitude com fins à dignidade humana, buscando um reencontro com pertencas, experiências ancestrais e a valorização de conquistas e lutas historicamente travadas pelos povos subalternizados; enfrenta a permanente reificação da branquitude e seu desejo de supremacia; pensa a dinâmica racial da sociedade brasileira, as discrepâncias e violências; traz a identidade racial branca ao centro das discussões sobre o racismo, desta vez “marcada”, nomeada, produzida em contraste, problematizada por não brancos; combate ideias frágeis como meritocracia e aponta privilégios e vantagens raciais de pessoas brancas, sustentados vergonhosamente por um legado colonial e escravocrata.

Nesse dossiê, o branco é o centro, mas às avessas. Isso não quer dizer que se deva tomá-lo como abjeto – isso quem faz e fez é, precisamente, o discurso branco, racista, misógino, patriarcal, judaico-cristão, europeu –, mas que, dessacralizado o branco de uma suposta universalidade, desça do pedestal e colabore no combate a preconceitos e Estados necropolíticos, fortalecendo a luta para ampliar a Vida. Esse movimento não poderá ser feito, como se sabe, sem recusar e constranger privilégios, brancos.